

FUNDAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE OLINDA – FUNESO
UNIÃO DE ESCOLAS SUPERIORES DA FUNESO – UNESF
CENTRO DE PÓS - GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

André José do Nascimento



O FIM DA ESCRAVIDÃO E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

OLINDA

2011

André José do Nascimento

O FIM DA ESCRAVIDÃO E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

Monografia apresentada à banca examinadora do curso de pós – graduação em História Contemporânea do Brasil como requisito para aquisição do título de Especialista da Fundação de Ensino Superior de Olinda – FUNESO.

Orientadora

Prof(a). M^{ta} Glória Maria de Medeiros

OLINDA

2011

**FUNDAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE OLINDA – FUNESO
UNIÃO DE ESCOLAS SUPERIORES DA FUNESO – UNESF
CENTRO DE PÓS – GRADUAÇÃO
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL**

O FIM DA ESCRAVIDÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

ANDRÉ JOSÉ DO NASCIMENTO

Monografia aprovada em ____/____/____ para obtenção do título do

Banca Examinadora

Orientador (a): Prof (a):

Prof (a). Convidado (a):

Prof(a) Convidado (a):

Agradecimentos

É com imensa alegria e satisfação que chego a esse momento tão importante em minha vida: processo de conclusão de curso. Durante esse processo, várias foram as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram não apenas na realização dessa monografia, mas, também, com a minha formação profissional.

Nesse sentido, agradeço a todos da minha família que sempre me apoiaram nessa jornada. Devo lembrar-me de Maria do Socorro, minha avó. Com agradecimentos mais que especiais a Lindinalva Santos da Silva, minha esposa, um exemplo de mulher guerreira, que sempre me apoiou com o que pôde e às vezes até com o que não pôde, para que eu chegasse até esse momento, e que suportou meus momentos de estresse e mau-humor durante a realização desse trabalho. Cabe agradecer aqui a minha segunda mãe, tia e amiga: Josiane Ambrosio. Por suas palavras de incentivo; por me estimular à leitura; e ainda por, de certa forma ao estímulo de vencer na vida.

Da Universidade – onde busquei, da forma que pude lutar para que ela “se pinte de negro, que se pinte de mulato, não só entre os alunos, mas também entre professores; que se pinte de operário e camponês, que se pinte de povo, porque a Universidade não é patrimônio de ninguém e pertence ao povo” (Guevara, Ernesto „Che”) – ficam meus agradecimentos aos professores. Em especial a Maria da

Gloria, por sua dedicação para com nós estudantes, “seus/suas futuros/as Historiadores”, onde sempre nos tratou com respeito, carinho e admiração (e a recíproca é verdadeira); pelas valiosíssimas orientações a essa monografia; pela paciência e compreensão, entendendo às dificuldades que tive na efetivação desse trabalho – Por tudo isso não tem dúvidas que, não poderia ter escolhido pessoa melhor a me orientar nesse estudo.

Da turma de História, ingressa na UNICAP em 2006.1 e concluindo em 2009.2, fica os agradecimentos a todos e todas, e que, assim como a homenageada que deu o nome a nossa turma “UMA MARGARIDA FAZ REVOLUÇÃO: MARGARIDA OLIVEIRA SILVA,” estejamos sempre nos dedicando a lutar pelo que preconiza os princípios fundamentais do nosso código de educador, fortalecendo assim o projeto ético-político de nossa profissão. Não poderia deixar de lembrar e dar meus agradecimentos especiais às pessoas que foram fundamentais na minha trajetória no curso, com quem muito me diverti (e estudei, obviamente) na Universidade: Gildenor de Oliveira e Inailza Alves.

Aos meus amigos, que sempre me apoiaram nos meus estudos; estiveram presente nos momentos de dificuldades e de alegrias, fica os meus sinceros agradecimentos; á Aldineide Felipe, á Renata Najara, Gilson Jorge e a todos aqueles que me apoiaram nesse projeto. A vocês cabe aqui um agradecimento mais que especial, por todo seu carinho, respeito, admiração, compreensão, companheirismo e amizade; por me aturarem nos momentos mais difíceis de minha vida.

Enfim, talvez tenha cometido o deslize de deixar de citar alguém, fica desde já o pedido de desculpas. Mas nessa tarefa difícil de ter que agradecer, fiz o esforço de lembrar-se de todos/as. Por isso, tão extenso ficou esses agradecimentos. Esses são meus sinceros agradecimentos a todos vocês.

"É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho, de observar com atenção a vida real, de confrontar a observação com nosso sonho, de realizar escrupulosamente nossas fantasias. Sonhos acreditem neles." (Lênin, Vladimir I. U.)

Resumo

O período imperial foi marcado por conflitos e ideologias sobre a escravidão brasileira, que tinham duas frentes políticas na elite, uma queria o fim da escravidão e estava ligada ao movimento abolicionista e a outra defendia a continuidade da escravidão. Os negros por sua vez, não ficaram parados, lutaram de varias formas por sua liberdade. Entretanto, com o fim da escravidão os negros passaram a ser discriminados perante a sociedade, que os tinham como pessoas inferiores aos brancos. Portanto, nós ainda temos resquícios do período imperial do Brasil.

Palavras Chaves: exclusão, diferença, truculência, manifestação e repressão

Abstract

The imperial period was marked by conflict and ideologies about slavery in Brazil, who had two political fronts in elite, a wanted the end of slavery and was linked to the abolitionist movement and the other was the continuity of slavery. Blacks turn weren't stopped fought several ways for their freedom. However, with the end of slavery were discriminated against society as a white person below, so we still have remnants of the imperial period in Brazil.

Keywords: exclusion, difference, truculence, demonstration and repressed.

“Por que ainda não aboliram esta desumana servidão? Não será, pois, desta maneira que teremos um Brasil definitivo e sim uma convulsão.”

Banduxe Adinimod

Sumário

Introdução.....	11
A luta pela liberdade	13
A liberdade.....	24
Pernambuco após a abolição.....	32
Conclusão.....	39
Referencias Bibliográfica	40
Apêndice	42
Anexos.....	43

Introdução

As formas que os escravos encontraram para lutarem pela sua liberdade deram - se de varias formas, tanto no movimento abolicionista, como a fuga para os quilombos e até ações judiciais. Este trabalho buscar analisar o fim da escravidão no Brasil e suas consequências para a sociedade brasileira. Como viveriam os negros diante de uma sociedade que maquiou uma ideologia de superioridade.

E analisar a trajetória dos negros durante a abolição da escravatura de 1888 até 1920, refletir sobre as transformações sociais e culturais que os negros tiveram nesse período. Essa abordagem é de suma importância para sociedade brasileira, por que é através dessa pesquisa que poderemos entender a formação sócio-cultural do Brasil.

A historiografia brasileira precisa aprofunda o que de fato ocorre com os escravos depois da abolição. Alguns Historiadores afirmam que os negros foram expulsos das fazendas para dar lugar ao trabalho livre como imigrantes europeus, outros historiadores defendem que uma pequena parte dos negros que foram libertos permaneceu nas fazendas, pois não tinham para onde ir.

Os negros que viviam nos grandes centros tinham mais chances de compra a sua carta de alforria e ter a sua liberdade, enquanto os que viviam nas fazendas a única forma de adquirir a liberdade era fugindo da fazenda.
(CHALHOUBER,1990)

Esses negros que viviam nas fazendas possivelmente não tinham nenhum tipo de profissão, diferentemente dos que viviam nas cidades grandes que aprendiam uma profissão e poderia alcançar a sua liberdade.

Durante o século XIX, surgiram na Europa e nos Estados Unidos da América varias teorias de cunho racista. Essas teorias contribuíram ainda mais, para que os negros fossem vistos como inferiores tornando-se dessa maneira um problema racial para o Brasil.

As teorias racistas contribuíram para a exclusão do negro na sociedade brasileira, isso ficou bem evidente no argumento de grande parte da elite brasileira que queria embranquecer o país, pós os negros não eram capazes de assumir os novos postos de empregos (SKIDMORE, 1976).

Com a Lei Áurea, teve o fim da escravidão, como ficaria a situação dos escravos? Será que o Brasil estava pronto para essa realidade? Qual o impacto disso na sociedade brasileira? São questões que tentaremos desvendar no decorrer dessa pesquisa.

No primeiro e segundo capítulos tentaremos fazer um apanhado geral da História do negro no Brasil. Sempre buscando analisar como se deu a liberdade dos negros e as perseguições que esses sofreram após o cativeiro. E qual foi a importância do movimento Abolicionista antes mesmo da Lei Áurea.

No terceiro capítulo abordaremos as consequências do fim da escravidão em Pernambuco, tendo como foco a cidade do Recife, sobre a qual faremos uma análise da sociedade após a Abolição.

1 - A Luta Pela Liberdade

Para alguns Historiadores o século XIX foi o auge da escravização no Brasil, devido à quantidade de negros que foram trazidos para o país. Nesse período os escravos intensificaram, ainda mais, a luta contra a dominação dos brancos, muitos desses africanos descendentes da “nobreza africana” e guerreiros não queriam se submeter à escravidão, se organizou e promoveu vários conflitos contra elite brasileira, que mesmo com a proibição do tráfico negreiro continuavam trazendo negros do continente africano.

Os africanos que vieram para o Brasil eram pessoas que tinham uma cultura religiosa e social. A sociedade africana em certos componentes era mais avançada do que outros países e até mesmo continentes. Por isso que muitos daqueles que chegaram ao Brasil não foram dominados por uma ideologia de inferioridade em relação ao branco, pelo contrario eles tinham o conhecimento da leitura e da religião, no caso a mulçumana. Mesmo com a separação de alguns grupos ou etnias, os negros criaram uma forma de se comunicar para lutar contra a opressão que era imposta pelos brancos.

Os negros nascidos no Brasil também foram se organizando, principalmente aqueles que viviam nos grandes centros como Rio de Janeiro, Bahia e Recife; onde a forma de escravização não era tão severa quantos os engenhos ou fazendas, nas

idades esses negros trabalhavam para os seus senhores como vendedores de produtos, sapateiros, alfaiates e em outras funções.

Outro comercio muito lucrativo era o aluguel de escravos, onde o negro prestava serviços a outros senhores e recebia pelo serviço, quando chegava à casa de seu senhor tinha que lhe entrega tudo que arrecadou. Quando os mesmos não conseguiam bons lucros eram castigados, ora essa pratica facilitou a fuga de muitos negros devido a não suposta vigilâncias conseguiam fugir para outras regiões em buscar da liberdade.

Essa facilidade fez com que alguns pequenos senhores de escravos negociasse com eles uma nova forma de exploração, onde o escravo receberia pelo seu trabalho, com isso muitos escravos conseguiram compra a sua carta de alforria. Por outro lado, alguns negros chegavam a cometer violência e até mesmo assassinar os senhores por causas dos maus tratos que sofriam, quando eram presos se explicavam porque tinham cometido tal crime, muitos deles foram julgados alguns condenados e outros foram considerados inocentes.

Isso mostrar que a justiça não admitia mais os maus tratos contra o escravo, mas não era somente por que tinha lei que dava ao negro certa proteção, e sim por outros motivos como a proibição do trafico negreiro fez com o preço por um negro ficassem cada vez mais alto, devido à escassez da mão de obra para agricultura e os demais serviços.

Durante os períodos colonial e imperial surgiram vários movimentos que queriam o fim da escravidão. Um desses foi o movimento abolicionista, que além de financiar a compra da carta de alforriar de negros, havia também o debate entre a elite brasileira que tentava achar uma solução para o fim da escravidão, uma delas foi embranquecer o Brasil, alegando que os negros eram incapazes de assumir os novos postos de trabalho que surgiriam posteriormente.

Em 1888 é decretada a liberdade dos negros, mas isso não mudou a forma de pensar e de agir da elite brasileira. Mesmo algumas décadas antes da abolição já se poderia notar a insatisfação de alguns membros da elite brasileira como por exemplo, José Bonifácio que em seu discurso na câmara de 1825 defendeu o fim do cativo.

Generosos cidadãos do Brasil, que amais a vossa pátria, sabeis que sem abolição total do tráfico da escravatura africana, e sem a emancipação sucessiva dos atuais cativos, nunca o Brasil firmará a sua independência nacional e segurar e defenderá a sua liberal Constituição (NABUCO, 2010).

O embate político sobre o fim do tráfico negreiro e a emancipação dos negros no Brasil foi mais uma das disputas no senado, que tentava achar uma solução para acabar com um mal que atrasava a independência do país.

Por outro lado, “os negros não tinham consciência de classe”, levados sempre a acreditar que eram inferiores aos brancos, mas isso foi mudando na medida em que alguns membros da elite brasileira como Joaquim Nabuco, André Rebouças e

outros (imagens 1 – 2), começaram a denunciar e questionar a elite brasileira sobre a escravidão. Só que grande parte dessa elite não queria o fim da escravidão, porém não se podia mais adiar, era preciso eliminar a escravidão do Brasil.

O fim da escravidão foi pautado no senador durante o século XIX é nesse período que surgiu varias leis em favor do negro e propostas para acabar com a escravização, uma delas foi a de Pimenta Bueno (Marquês de São Vicente), propusera o ano de 1899 e o senador Silveira da Mota, queria um prazo mais curto o ano de 1891. Para o Abolicionista Joaquim Nabuco o prazo parecia longo demais. Pela lei proposta pelo senado para o fim da escravidão era de cinquenta ou sessenta anos. A lei do prazo defendia que o fim da escravidão devia ser lenta e gradual.

Essa medida não agradou os abolicionistas que queriam que a emancipação fosse ampla e a mais breve possível. A questão não era só dá a liberdade e sim promover a cidadania desses negros. A luta pela abolição da escravatura se tornou uma questão de urgência, pois, para os liberais que eram a favor do fim do escravismo, só poderiam chegar ao progresso com o fim da mesma.

Com o fim da escravidão no Brasil, muitos negros foram expulsos das fazendas e ficaram sem ter onde morar nem como sobreviver. Uma boa parte da elite brasileira não queria que os negros assumissem os novos postos de trabalho que estavam surgindo no Brasil, à preocupação da elite era embranquecer o país com imigrantes vindos da Europa.

Essa política de segregação racial fez com os negros vivessem as margens da sociedade. Durante todo tempo em que estiveram nas senzalas, sendo utilizados como escravos os negros sempre lutaram pela sua liberdade tendo Zumbi dos Palmares como um símbolo de resistência contra a escravidão dos negros desde período colonial até o império. O Quilombo dos Palmares e outros que existiram no Brasil, eram considerados apenas como um local onde os negros tentavam preservar a sua cultura e o seu modo de vida que tinham na África.

Com isso os negros criaram um reduto de resistência contra a um sistema que massacrava um povo que por uma ideologia cultural e religiosa eram considerados inferiores aos brancos. Por outro lado, devido às lutas tribais na África muitos negros eram negociados pelos próprios conterrâneos do continente.

A escravidão não só foi utilizada pelos brancos, mas também pelos quilombolas. A mesma muitas vezes se dava quando um negro fugia ou saía do Quilombo sem permissão, pois era considerado traidor, o castigo era se torna escravo dos descendentes de cor ou de luta, pois no local não só tinha negros, mais também índios, pardos e pessoas que estavam sendo perseguidas por algum motivo. Então os Quilombos se tornaram um refúgio em busca da liberdade.

O Quilombo não foi à única forma de luta pela liberdade, houve outros movimentos que fortaleceram ainda mais a questão abolicionista, que buscavam uma solução para o fim da escravidão no Brasil. Devido a esses movimentos que se expandiam a cada dia na sociedade brasileira e da pressão internacional que queria

o fim do cativeiro negreiro. O imperador D. Pedro II teve que criar mecanismo para amenizar a situação criando algumas leis, dando a entender que o fim da escravidão não era um problema do imperador e sim de toda uma sociedade escravocrata, onde o escravo era tratado como uma mercadoria de grande valor comercial, então alguns donos de escravos não queriam se desfizer de um negócio tão rentável, a não ser por meio de indenizações pagas pelo império.

O abolicionismo, entendendo-se por tal corrente de opinião e movimentos sociais e não política de governo baseou-se na Europa e nos Estados Unidos, em razões tiradas de determinadas práticas do cristianismo e em razões geradas pelo Iluminismo Francês. (CARVALHO, 2005)

O movimento Iluminista surgiu na França com o propósito de impedir que o governo interferisse na economia do país, essas idéias liberais chegam ao Brasil por volta dos séculos XVI e XVII, que vai ser umas das bases do movimento abolicionista.

O movimento abolicionista vai encontrar resistência de alguns senhores de escravos, pois mesmo com todas as implicações o comércio de negros era muito rentáveis e talvez por isso a sociedade brasileira não estivesse pronta para acabar com a escravidão. É notório que alguns senhores de escravos já estava querendo o fim da escravidão, e alguns negros recebiam benefícios dos seus senhores pelos trabalhos prestados, isso era mais notável principalmente nas cidades do que nas fazendas.

Outros escravos que sofriam maus tratos fugiam e muitos deles não iam para os Quilombos e sim para cidades, até mesmo de outras regiões do país, na ilusão de ter uma suposta liberdade e quando era capturado pela policia, brigavam na justiça por sua soltura, muitos deles conseguiam sua liberdade depois de uma longa batalha na justiça.

Isso para o um negro era uma vitória, devido ao fato de não ter que buscar refugio nos Quilombos, já que os quilombolas eram mal vistos pela sociedade brasileira, porque nas cidades o negro foragido conseguiria aprender algumas profissões, e com isso ganhar o seu dinheiro e comprar objetos e até mesmo escravos que eram vendidos nos mercados e praças de algumas capitais, dessa forma tornando-se um senhor de escravo, mesmo com o comércio de negros essa prática ainda estava muito presente no século XIX.

A Guerra do Paraguai (1865 – 1870), também contribui para a intensificação da luta em pro da abolição. O exército brasileiro por não terem soldados suficientes teve que recruta escravos para fazer parte do efetivo, com essa medida muitos negros foram convocados para fazer parte do exército brasileiro.

Os soldados brasileiros em contatos com outros soldados da Argentina, do Uruguai e principalmente do Paraguai, perceberam a diferença social e política entre esses países. No exército brasileiro poucos sabiam ler, enquanto os dos Paraguai eram bem instruídos, se tornando livres. Mais uma das promessas de D. Pedro II,

era que quando terminasse o confronto os escravos que foram para Guerra, teriam sua liberdade.

E muitos negros deram início a carreira militar buscando uma ascensão social, que só seria possível com fim da escravidão e uma política de integração social do negro na sociedade. Os soldados brasileiros que na sua grande maioria eram negros começaram a não seguir determinadas ordens, como por exemplo, a de perseguir negros fugitivos, isso para os negros que fazia parte do exército brasileiro era contraditório, por que lutavam pelo fim da escravatura e da opressão que sofriam.

Podemos perceber na historiografia brasileira que o objetivo de se chegar ao fim da escravidão era uma questão econômica e não uma questão social ou humanitária, o que estava em jogo era a sobrevivência de um novo sistema de produção que buscava na mão – de- obra livre a ampliação do trabalho assalariado, fazendo com que esses novos trabalhadores pudessem consumir os produtos industrializados da Europa.

Como o Brasil era um país agrário, onde os seus principais produtos eram o açúcar, o café e o algodão com a interrupção do desenvolvimento do Paraguai, a única opção de adquirir produtos industrializados era na Europa.

Então a luta em favor da abolição ganhou mais um aliado, o movimento abolicionista também continuava ganhando espaço na sociedade brasileira, o governo e boa parte da elite brasileira começaram a perceber que o fim da

escravidão era inevitável, e começaram a elaborar leis, como a lei do Ventre Livre que foi aprovada em 1877, quem conduziu até aprovação foi o Ministro do Visconde de Rio Branco, que era do partido conservador e não queria que os radicais do movimento abolicionista chegassem ao poder, temia que tivessem atitudes mais radicais.

O pensamento abolicionista, como toda doutrina reformadora do Brasil, nasceu do liberalismo europeu do século XIX que seguiria de perto a revolução industrial, a urbanização acelerada e o crescimento econômico. (SKIDMORE, 1976, p.43; *ibid.*)

Os abolicionistas brasileiros tiveram influências do liberalismo europeu, que queriam expandir o seu comércio, e precisava de mão-de-obra livre para adquirir os seus produtos industrializados, ampliando dessa forma o seu comércio com as Américas.

Se chegar ao fim da escravidão no Brasil não foi uma tarefa fácil, se buscou de várias maneiras alcançarem esse objetivo, era preciso mudar a consciência política da elite brasileira. Para Joaquim Nabuco, “não foi à filantropia que impulsionou o nosso abolicionismo e sim a razão política de José Bonifácio,” (Carvalho, 2005).

O grande obstáculo da elite brasileira era que com o fim da escravidão os negros poderiam ocupar os postos de trabalho, mas essa mesma elite não queria ascensão dos negros na sociedade, devido a isso, preferiram embranquecer o Brasil

criando uma política para financiar a passagem de Europeus para trabalhar no Brasil.

Enquanto os ex-escravos não teriam direitos nenhum, ou seja, iam viver a margem da sociedade. A forma como os negros foram tratados após a abolição, teve grandes conseqüências para a formação da nossa sociedade, que até então não eram citados como membros, não tinham os direito garantidos somente os negros que possuíssem algum tipo de bens, poderiam participar como membros da sociedade e não sofriam tanta discriminação.

A elite branca brasileira já tinha em sua própria sociedade os elementos necessários para forjar sua ideologia racial. Tinha aprendido desde o período colonial a ver os negros como inferiores. Tinha também aprendido abrir exceções para alguns indivíduos negros ou mulatos (VIOTTI, 1998).

Mesmo com o fim da escravidão ainda não conseguimos de fato a nossa liberdade definitiva, pois temos resquícios daquele período, à discriminação é uma delas. (...) “A batalha de hoje se dá em duas frentes principais, a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais” (CARVALHO, 2005). Essas duas frentes são políticas, a primeira se dá na argumentação teórica, a segunda se fundamenta nos movimentos negros que lutam pelo fim da discriminação social do negro, isso só será possível na mudança de mentalidade da sociedade brasileira, enquanto não houver essa mudança não poderemos chegar a uma sociedade justa e igualitária.

Essa ideologia da inferioridade dos negros esta presente no mundo contemporâneo devido a uma parte da sociedade que defende um tipo de comportamento que mascara a formação étnica do nosso país, e muitas vezes desvirtuam a luta dos negros por melhorias e participação dos mesmos na discussão sócio-política da sociedade como um todo. Mesmo com o fim da escravidão ainda não conseguimos de fato a nossa liberdade definitiva, seja ela cultural política ou social.

Muitos negros passaram a ser vitima de cultura racista que menospreza o povo que construir esse país, diante de tanto sofrimento que tiveram que passa e não tem o direito de ser um cidadão, pós é desrespeitado em vários momentos diante de uma sociedade mestiça, mas que por ideologias e conceitos criados na época da escravidão continuam discriminando os negros.

2 - A Liberdade

“Com efeito, a notícia da abolição definitiva do cativeiro no Brasil foi bastante festejada nas senzalas dos engenhos e das cidades” (FRAGA, 2006). No dia 13 de maio 1888, os negros finalmente tiveram a sua liberdade decretada pela princesa Isabel. Os agora ex - escravos comemoram em todo o Brasil o fim do cativeiro. Mas que tipo de liberdade, essas pessoas de cor negra tiveram, será que, ser livre é deixar apenas o trabalho escravo? É a pergunta que devemos fazer ao analisar o fim da escravatura no Brasil.

Com a emancipação dos escravos a dynastia de Bragança forçava as portas do futuro, e Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, João Alfredo, Antonio Prado, Antonio Bento, Carlos de Lacerda, todos os apóstolos e obreiros do bem não hesitaram um só instante – salvaram uma raça, que sonhavam com a liberdade. (Jornal Diário de Pernambuco, Recife, 12 de maio de 1901. 13 de Maio)

Boa parte da elite brasileira não estava preocupada com o bem estar dos negros e sim com uma política racista vinda da Europa e dos Estados Unidos da América e que se expandiu pelo Brasil. Tinha o negro como o atraso da nação brasileira, pós era preciso que os negros desaparecem-se para dar lugar ao branco, só assim o país poderia chegar aos patamares de uma nação desenvolvida.

Porque segundo Skidmore (...) “A teoria da superioridade ariana era aceita como fato de determinismo histórico, pela elite intelectual brasileira entre 1888 e

1914”. Isso mostrar o quanto alguns intelectuais não estavam desprendidos do pensamento Norte Americano e Europeu.

Para alguns senhores a abolição da escravatura traria danos à sociedade brasileira, a nação não estava pronta para receber tantos negros livres, era preciso prepara-se para não causa o que Skidmore chamou de confusão social. Com o fim da escravidão muitos negros foram em busca de terras para assim poderem viver nelas, mais isso não foi o suficiente e uma boa parte da população negra foram para as cidades em buscar de trabalho e de moradia, outros continuaram nas fazendas trabalhando em troca de um “salário” e outros em troca de comida e moradia.

Essa confusão social era justamente um argumento dos escravocratas para retardar o fim da escravidão, alegando que o Brasil não estava preparado para uma mudança político-social tão importante em sua história, era preciso prepara a sociedade.

Por outro lado alguns intelectuais defendiam que o país não poderia espera mais, pois o desenvolvimento econômico só poderia ocorre com a modificação do sistema de escravocrata para o trabalho livre. Mas que na verdade, o trabalho livre teria que ser por operários estrangeiros especificamente europeus, a asiática também foi cogitado, mais a idéia não foi muito aceita por boa parte da elite detentora do poder.

O que podemos perceber é uma população negra que durante séculos foi fundamental na economia brasileira, agora ficaria impedida de fazer parte da nova político-social do país, em pró de um pensamento racista.

Além do movimento racista implantada no Brasil no fim do século XIX e início do século XX, surgiram no país algumas vozes em favor dos negros, como Basílio de Magalhães disse:

Que a educação. Cumpria “fortalecer física e moralmente essa raça por uma bem orientada e sistemática educação, tanto sensorial como cívica”. Só desse modo seria um país valorizado”: “todo o nosso futuro depende de amalgamarmos sabiamente os nossos heterogêneos elementos étnicos, desenvolvendo-lhes em tipos e fortes, por meio da educação, as boas qualidades, e suprimindo-lhes, quando for possível, os defeitos e os vícios originários”. (SKIDMORE, 1976,p.183; ibid.)

Essa citação demonstra que a questão racial não era um impedimento para o desenvolvimento social, econômico e cultura de um país. E que a educação é o ponto inicial para tal transformação, então era preciso prepara os negros para assumirem os novos postos de trabalhos, e não criarem um argumento que as pessoas de cor escura impediam o desenvolvimento de um país, onde num determinado momento da historiografia brasileira foi tão importante para o desenvolvimento do país.

Gerando riquezas para os senhores de engenho, mineradores e fazendeiros, e que num momento crucial da história foi excluído da sociedade simplesmente por sua cor.

A liberdade dos negros deixou muitos fazendeiros preocupados com sentimento de igualdade entre eles. Os homens de cor não precisava mais seguir as ordens dos ex- senhores, com isso, os ex – escravos poderiam fazer da sua vida o que desejasse.

Uma grande parte dos senhores de engenhos por não aceitarem a libertação dos negros, deram inicio a uma perseguição aos libertos, com a desculpa de que os negros eram um bando de “vagabundos”, que não queria mais trabalha e sim festeja a sua liberdade, essa desculpa foi fundamental para que os negros mesmo após a liberdade fossem presos e espancados pelo os seus ex- senhores de engenhos que queriam a volta do antigo regime escravista.

Quando Skidmore disse que o fim da escravidão poderia causa uma convulsão social. Estava se referindo as transformações sociais que o Brasil iria passa, num país que teve um sistema escravista que durou mais de três de séculos (1500 – 1888), a maioria da sociedade não iria muda a sua forma de pensar e de agir simplesmente do dia para noite.

As mudanças foram imperceptíveis, pois quais foram os projetos que a elite brasileira teria para os libertos, esses não teriam trabalhos garantidos e nem moradias, muitos foram para as cidades em buscar de trabalhos e outros permaneceram nas fazendas trabalhando, recebendo pelo seu trabalho.

A convulsão social foi uma das conseqüências do fim da escravidão, como os negros que saíram dos engenhos foram para as cidades, isso causou um problema

social. Por que grande parte dos libertos passaram a se ocupar vendendo produtos e serviços nestes locais (imagens 3 – 4), não queriam ficar nos antigos locais, onde eram escravos, pois a abolição estava muito recente, eles tinham o receio do sistema escravocrata voltar novamente.

Por outro lado, as maiorias das cidades não estavam prontas para receber tanta gente, pois não havia nenhum projeto de recolocação dessas pessoas na sociedade. As cidades passaram a ser palco de uma nova rotina na vida cotidiana das pessoas tanto os negros como os brancos tiveram que mudar os seus comportamentos.

O Brasil acabará de sair de um regime escravista para uma sociedade igualitária, que não foi bem aceita por boa parte da população dita como branca. As mudanças que deveriam ocorrer não eram apenas sócias, mais também na forma de como o negro poderia participar da sociedade, isso não estava bem claro para a população brasileira. Era preciso uma política de integração social para que assim os ex – escravos pudessem participar da vida social do país.

Eram poucos os negros que circulavam entre os brancos. Além disso, a situação dos libertos não era tão diferente dos cativeiros, passavam fome e sofriam violência física de alguns ex – senhores de engenhos que não aceitavam a liberdade dos negros (imagem 5). Os ex – escravos não estavam tão certos se o que eles tiveram foi a sua liberdade ou não, pois a situação de muitos deles não eram muito diferente das senzalas sejam elas nos engenhos ou nas cidades.

Muitos senhores de engenhos tratavam os seus escravos com pouco de dignidade, coisa que não ocorreu com a liberdade, alguns dos libertos voltaram para os seus ex- senhores, pois, lá eram bem tratados, a liberdade não era completa nem exatamente o que eles desejavam, mais pelo ao menos tinham o que comer e onde dormir, não iria ficar perambulando pela cidade sem o mínimo de condições de vida.

As aspirações e projetos de liberdade engendrados durante e depois da escravidão foram partes dos processos de mudanças de padrões de comportamento e conduta oriundos do escravismo. (FRAGA, 2006)

A situação dos negros era dramática, de um lado a liberdade garantida por lei e do outro lado a busca pela sobrevivência. Numa sociedade que estava acostumada com a escravidão e de repente se sentiu obrigada a conviver de igual para igual com os negros. Não é fácil mudar de atitude nem para os de pele clara e nem para os de pele escuros.

Esses senhores não estavam preocupados com as mudanças de atitude dos negros, e sim, de como a liberdade foi dada aos de pele escura, à mudança era que a população negra não precisava mais obedecer a esses senhores, pois a obediência era muitas vezes a base da violência. E muitas vezes os escravos se rebelavam contra os seus senhores. Então essa mudança de atitude agora está respaldada pela lei Áurea de 1888.

As mudanças de atitude dos libertos foram percebidas e criticadas, por membros da elite brasileira, pois os negros não tinham nenhuma obrigação de seguir

ordem dos seus ex- senhores. E gerou a insatisfação desses senhores que sugeriram uma reflexão sobre os libertos. Isso fica bem claro na citação:

As correspondências e artigos em jornais escritos por autoridades e senhores de engenho oferecem oportunidade de refletir a respeito do que pensavam sobre as mudanças de atitudes da população egressa da escravidão. (FRAGA, 2006, p. 140; *ibid.*)

Os negros agora tinham um motivo para não seguir as ordens de seus ex – senhores. Devido a essas mudanças de comportamento é que vai haver um aumento na violência no período de 1888 e 1889 no Recôncavo contra os libertos. (FRAGA, 2006), essa violência não vai só ocorrer na Bahia, mais supostamente em todo território brasileiro.

Os negros que foram para as cidades queriam apenas trabalhar, mais não encontrando, ficavam perambulando pelas ruas, e praças das cidades, com isso eram chamados por grande parte da elite de preguiçosos. Por outro lado, alguns ex-senhores não estavam preocupados com bem estar dos libertos, o que eles queriam era o retorno do cativo, encontraram várias formas de perseguição contra os negros. Já outros ex – senhores tinham uma visão diferente queriam que os negros pudessem usufruir da sua liberdade dando ao mesmo o direito de permanecer no recinto trabalhando em troca de um “salário”, alguns negros permaneceram outros foram embora em busca de uma nova vida.

A Lei Áurea mudou totalmente o cotidiano de grande parte da população brasileira, as fazendas tiveram que se adequar aos novos sistemas de produção, as grandes cidades ficaram superlotadas devido à imigração de muitos libertos para essas áreas, outros foram para outras fazendas em busca de uma nova vida. O que os negros queriam era dá um novo sentido a sua vida agora que poderiam decidir por si mesmo os rumos que iriam tomar.

É pela saída dos ex – escravos de algumas fazendas que boa parte da elite brasileira vai pressionar o governo dizendo que os libertos eram “vagabundos” e precisavam voltar ao cativeiro. Durante muitos anos os negros foram perseguidos e espancados tanto por fazendeiros como pela polícia, segundo Carvalho: a cidadania foi construída a pau e a porrete. A liberdade dos negros estava apenas no papel, mais na realidade ainda falta muito para que alcançasse a sua liberdade, pós eles estavam livres do cativeiro e não das violências impostas por muitos da elite brasileira. Que por sua influência econômica e política, mandavam prender e baterem nos ex-escravos, por não mais aceitarem a dominação imposta pelos brancos (imagem 6).

3 – Pernambuco após a Abolição

A abolição da escravatura vai ser uns dos motivos pelo qual o Império terá fim, dando início a um novo sistema político denominado de República. Esse novo sistema de política do Brasil modificou alguns costumes da sociedade: como a relação de poder, a mudança da fazenda para cidade, a relação de trabalho entre outras.

Em nenhum outro momento, em nenhum outro tema, ficou mais clara a oposição entre as motivações e os interesses do pólo social e econômico deste mesmo poder. Se, na expressão muitas vezes usada na época, a escravidão era cancro que corroía a sociedade, ela era também o princípio que minava por dentro as bases do Estado Imperial, e que, ao final, acabou destruí-lo. (CARVALHO,2010)

Assim como em outras províncias do Brasil, o fim do cativeiro negro em Pernambuco trouxe alívio para uns e desgostos para outros. Alívio para os negros que agora eram “livres” e podia decidir pela sua vida, então muitos deles partiram para cidade do Recife que nesse momento era cidade mais importante da província, onde estava concentrado o comércio e por isso era muito mais fácil conseguir algum tipo de trabalho. Com isso, um ex-escravo poderia ter uma ascensão social, mas não era tão fácil, pois havia muitos obstáculos por que alguns brancos não aceitavam que os negros fizessem parte de seus convívios sociais.

Muitos fazendeiros da província Pernambucana, não aceitavam a determinação da Princesa Isabel que decretou o fim da escravidão, que acabou unido fazendeiros do Brasil todo que se uniram contra abolição da escravatura. Boa parte da elite pernambucana deu início as perseguições e prisões de negros. Portanto a liberdade era apenas do cativo, agora os negros tinham que lutar contra uma sociedade, que se achava superior ao de cor escura.

A violência contra os negros eram muitas vezes financiada por aqueles que se achavam os donos do poder, e que tinham o controle da província, já que mesmo com o fim do Império e o início da República, os fazendeiros ainda dominavam a cena política brasileira, com isso dependendo de sua força econômica poderia ter o controle político da província.

A liberdade era subjetiva, na cidade e no interior, negros eram perseguidos por fazendeiros por não quererem trabalhar nas fazendas e sim irem a buscar de uma nova vida, essa nova vida muitas vezes estava na cidade, ou seja, na capital da província Recife.

Essa busca dessa nova vida causou um aumento drástico da população, a insatisfação de alguns recifenses que agora tinham que conviver de igual para igual com os negros. Por outro lado, a cidade não se planejou para tal situação, mesmo antes dos ex-cativos, a situação higiênica da cidade era precária que se agravou com a chegada desses novos moradores vindos de várias partes da província e de outras localidades do Brasil em busca de trabalho.

Por outro lado, muitos negros conseguiram se destaca na sociedade recifense, mas mesmo assim ainda sofriam a diferença racial que era uma forma que alguns brancos encontraram para continuar com opressão contra os de pele escura. O Recife era a terceira cidade mais importante do país, por isso é que muitos dos libertos preferiram viver nesta cidade.

O Recife era considerado o principal pólo comercial da província de Pernambuco e possivelmente do Norte - Nordeste, dessa forma era mais fácil um negro conseguir algum serviço para poder se manter na cidade.

As mulheres negras geralmente trabalhavam nas casas de famílias fazendo diversos serviços; limpeza, passadeira, de ama de leite. Como podemos nota neste anuncio: Precisa de uma amã de leite que seja sadia, á Rua 15 de Novembro nº73 - 2 andar. (Diário de Pernambuco do dia 12 de maio de 1901)

Isso nos mostrar como algumas mulheres brancas estavam presas a alguns costumes da época da escravidão onde as negras eram que amamentava a maioria das crianças brancas. Devido a esses trabalhos realizados pelos negros e negras, muitas tiveram a oportunidade de se destaca na sociedade recifense, fazendo um contra ponto as doutrinas de que a pessoa de pele escura era o mal da sociedade e, com ele o país jamais seria uma potencia econômica e social. Pelo o contrario os que foram a favor da abolição perceberam que o país só seria uma verdadeira potencia quando chegasse ao fim o cativoiro.

Os negros passaram a presta alguns serviços de qualidade a sociedade, por isso, que muitos começaram a se destaca, como alfaiates, escritores e tantos outros, iniciaram a sua participação na vida social da cidade. Já outros não tiveram a mesma sorte, sofreram perseguições por não estarem adequados aos padrões que era imposta por boa parte da elite recifense que se intensificaram no final do século XIX e em boa parte do século XX, principalmente devido aos cultos de origem africana. O jornal *A Província* divulgava, em 1877, matéria mostrando a imagem que se tinha do folguedo na cidade:

Maracatu!

Não precisa ser descrito; todos nós podemos falar de experiência; O maracatu é uma coisa infame, estúpida e triste! [...] Mas por que consentimos nisso? Pois o povo [...], horda de escravos vadios que faz o maracatu não pode divertir-se pelo carnaval de um modo menos estupidamente infame e triste, e degradante e incômodo? [...] É civilizado um povo que tolera do maracatu? Isto não! [...] (apud RABELO, 2004)

A cultura africana não era aceita pela maioria da elite pernambucana, que tratavam alguns negros como vagabundos e preguiçosos que só queriam se divertir. É notório que a preocupação da elite era com a quantidade de adeptos que a cultura negra vinha atraindo, além disso, tinha-se outra preocupação que era a modernidade da cidade nem que para isso tivessem que sacrifica a maioria da população, que por sua vez era composta de negros e mestiços, vivendo em precárias condições morando em mocambos que não tinham se que saneamento.

Eram poucos os negros que viviam em boas condições e mesmo assim muitos desses não eram respeitados na sociedade, então a única forma de expressar a sua força era através da cultura. O maracatu é uma das expressões mais fortes que os negros têm. O ex-escravo não era inimigo da sociedade ele queria apenas ter o direito de construir a sua vida de forma que não precise se submeter aos desmandos de uma elite que achava que o negro era o atraso do país.

A análise que Freyre fez das fotografias dos negros nos jornais do Recife, durante o início do século XX, vem mostrar o quanto a aristocracia rural não tinham mudado praticamente em nada, na política de mandos e desmando (imagem 7). Dentro de uma elite que deixou de ser uma sociedade escravocrata em pro de um projeto que visava uma mudança na política nacional, deixando de ser um Império e se tornando uma República.

Uma parte considerável da elite recifense estava em sintonia com as políticas da capital do Brasil, acabaram com a escravidão, mas os negros não tiveram a sua liberdade definitiva, muitos por não terem para onde ir permaneceram nas fazendas, sofrendo com autoritarismo dos fazendeiros, devido aos resquícios da escravidão, assim como em boa parte do país, os negros foram perseguidos tanto na zona rural como na cidade.

Os negros sofreram com as perseguições ocorridas após a abolição, como muitos não queriam permanecer nas fazendas uns dos destinos eram a cidade do Recife, onde estava concentrado possivelmente todo o comércio da Província de

Pernambuco, isso atraio muitos negros para a região. Então alguns membros dessa elite tentaram de varias formas extinguir o negro da sociedade baseados em teorias vindas da Europa e dos Estados Unidos, com isso, muitos homens de cor, não conseguiam ter uma vida digna na cidade, foram poucos os que conseguiram progredir economicamente e socialmente através do seu trabalho. Conseguindo prestígio dentro de uma sociedade racista, que defendia que o negro era inferior.

Teoria está que foi combatida por alguns membros da elite recifense e brasileira, como Joaquim Nabuco que lutaram pela liberdade dos negros. Mas a liberdade definitiva não chegou até o negro, pois apenas deixaram as senzalas para serem perseguidos nas cidades, por vários motivos, como por não aceitarem mais as ordens dos ex-senhores de engenhos e fazendeiros, também por terem uma cultura diferente das dos brancos.

Os negros sempre foram vistos como o atraso da sociedade, só que foi essa nação que contribuíram para construção e formação do Brasil, seja ela cultura, social ou política.

Durante todo o século XX, o negro foi alvo de perseguições, a sociedade não queria aceita que os ex-escravos agora faziam parte da sociedade, então, a opressão contra eles foi ferrenha, mas também houver quem lutasse por eles, como Gilberto Freyre que organizou o primeiro congresso afro-brasileiro, era uma forma de se contrapor a política de Agamenon Magalhães, que perseguiram os negros em pró de uma civilização moderna.

Muitos negros também lutaram contra o racismo imposto por uma elite que tinha o negro como inferior, só por conta da sua cor. A cidadania do negro era uma questão sociocultural, era preciso desmistificar uma cultura imposta por doutrina vindas da Europa e dos Estados Unidos. E que após abolição persiste em nossa sociedade contemporânea.

É notório que a violência contra os descendentes de escravos é constante, seja institucional ou social. Portanto a liberdade do negro não chegou definitivamente, foi preciso continuar lutando para que a nação negra não seja apagada por uma sociedade que se achava superior a outro, simplesmente pela cor da pele.

Conclusão

Durante essa pesquisa nos propomos fazer uma análise historiográfica do negro no Brasil. Tentando mostrar a situação social-cultural do negro antes e depois da abolição da escravatura, analisando os prós e os contras. Durante muito tempo o negro foi visto como o atraso da sociedade brasileira, criando um racismo tão forte que grande parte da população negra era vista como inferiores aos de pele clara. Esse conceito de que o ex-escravo era preguiçoso, foi uma das formas que os brancos encontraram para massificar a população negra e deu tão certo que durante boa parte do século XX, as perseguições foram constantes, pois uma parte considerável da elite brasileira não queria os negros nos seus convívios sociais.

Essa elite conseguiu forjar por muito tempo a história dos negros brasileiros, tentando passar a imagem de que os ex-escravos eram a mazela da sociedade contemporânea, baseando-se sempre na cultura europeia. Com isso a população negra foi sempre vista como um mal e que era preciso desaparecer.

Os negros conseguiram superar as perseguições e mostrar que eram tão humanos quanto os brancos, e que a dignidade não está na cor da pele e sim no caráter de cada cidadão. Mas a escravidão deixou marcas tão fortes que precisaram de muitos anos para cicatrizar. Ainda falta muito para que o preconceito racial desapareça no país mestiço como o Brasil, isso para muitos é uma utopia.

Referencia

FRITAS, Décio. Palmares: A Guerra dos Escravos. Rio de Janeiro: Ed.Graal, 1982.

CHALHOUB, Sidney. Visões da Liberdade: Uma História das Últimas Décadas da Escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. Pontos e Bordados: Escritos de História e Política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. Nação e Cidadania no Império: Novos Horizontes. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2007

COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República: Momentos Decisivos. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

SKIDMORE, Thomas E. Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1976.

NABUCO, Joaquim. O Abolicionismo. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2010

LIMA, Claudia. Introdução da História do Negro no Brasil. Recife – PE: Editora Raízes Brasileiras, 2009

FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

JÚNIOR, Caio Prado. Formação do Brasil Contemporânea. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

MOTA, Carlos Guilherme (org). A Viagem Incompleta - A Experiência Brasileira: Formação – Histórias. São Paulo: Editora Senac, 1999.

_____. Viagem Incompleta: A grande transação – A experiência brasileira. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

PRIORE, Mary Del. O Livro de Ouro da História do Brasil: Do descobrimento à Globalização. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2001.

_____ O Príncipe Maldito: traição e loucura na família imperial. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. Formação História do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Graphia, 2002.

BRAGA FILHO, Walter. Encruzilhada da liberdade. São Paulo Editora UNICAMP, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2006.

AQUINO, Rubens Santo Leão de. Sociedade Brasileira: Uma História Através dos Movimentos Sociais, da Crise do Escravismo ao apogeu do Neoliberalismo. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2007.

ANDRADE, Manuel Correia de. Pernambuco: Cinco Séculos de Colonização: João Pessoa – PB: Editora Grafset, 2004.

_____ www.historia.abril.com.br/2006/edcoes/capa/mt_190439.shtml>em
04/04/2011

_____ www.wikipedia.org > 10/06/2011

_____ www.reporterbrasil.com.br/conteudo.php?id=4> em 11/04/2011

_____ Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) – Recife

_____ Diário de Pernambuco (1900 – 1910)

APÊNDICES

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados informacionais de Catalogação na Publicação (CIP), Biblioteca Luiz Delgado da Fundação de Ensino Superior de Olinda, Olinda-PE.

Nascimento, André José do Nascimento

O fim da escravidão e suas conseqüências. André José do Nascimento. - Olinda: FUNESO, 2011.

49 f.

Orientador: Gloria Maria de Medeiros

Monografia apresentada em cumprimento das exigências para obtenção do título de especialista em História Contemporânea do Brasil.

1. Exclusão. 2. Diferença. 3. Truculência. 4. Manifestação. 5. Repressão. I Fundação de Ensino Superior de Olinda. II. Título.

CDU 94(81).326.8

Anexos

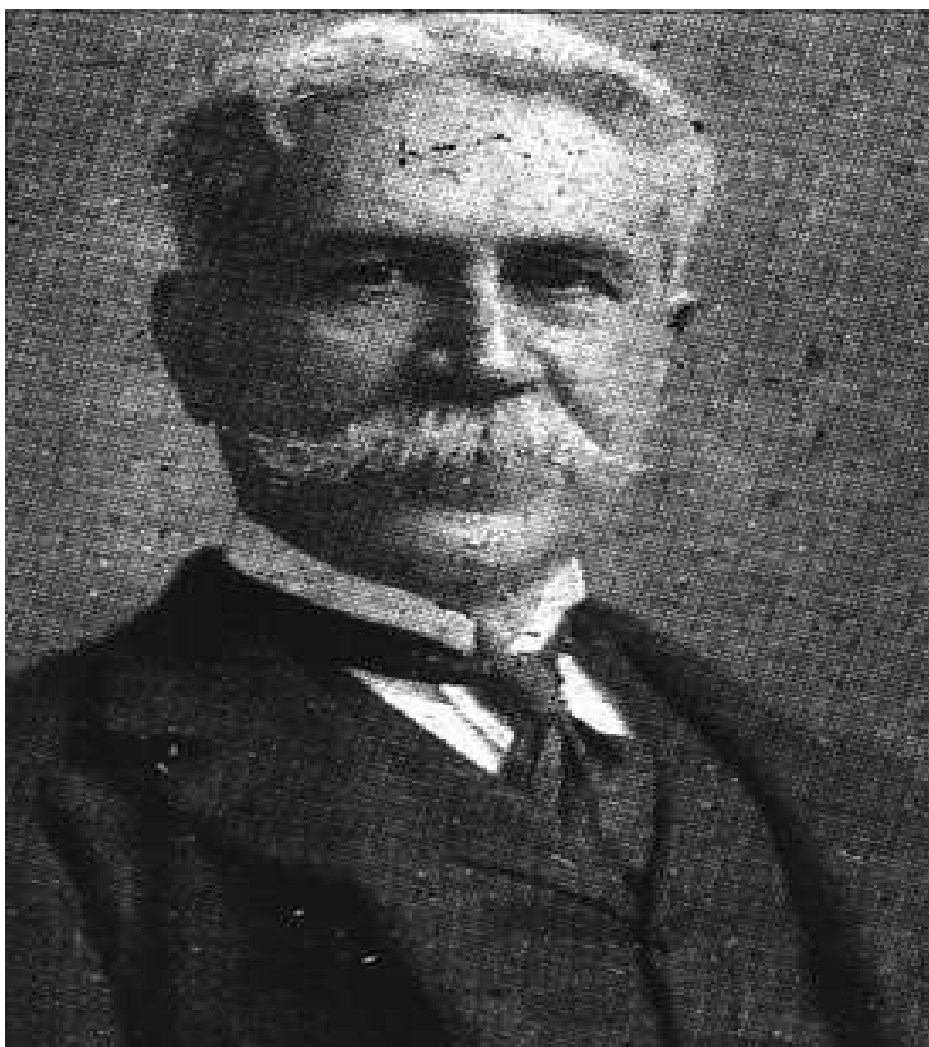


Imagem 1 - Joaquim Nabuco – abolicionista – FUNDAJ: Recife, 05 de julho de 2011



Imagem 2 - André Rebouças – Engenheiro e Abolicionista - Wikipédia, a enciclopédia livre -

10/06/2011



Imagem 3 - A foto é de ambulante nas ruas do Rio de Janeiro de 1895 de Marc Ferrez. Wikipédia, a enciclopédia livre - 10/06/2011



Imagem 4 - A foto é de ambulante nas ruas do Rio de Janeiro de 1895 de Marc Ferrez.

Wikipédia, a enciclopédia livre - 10/06/2011

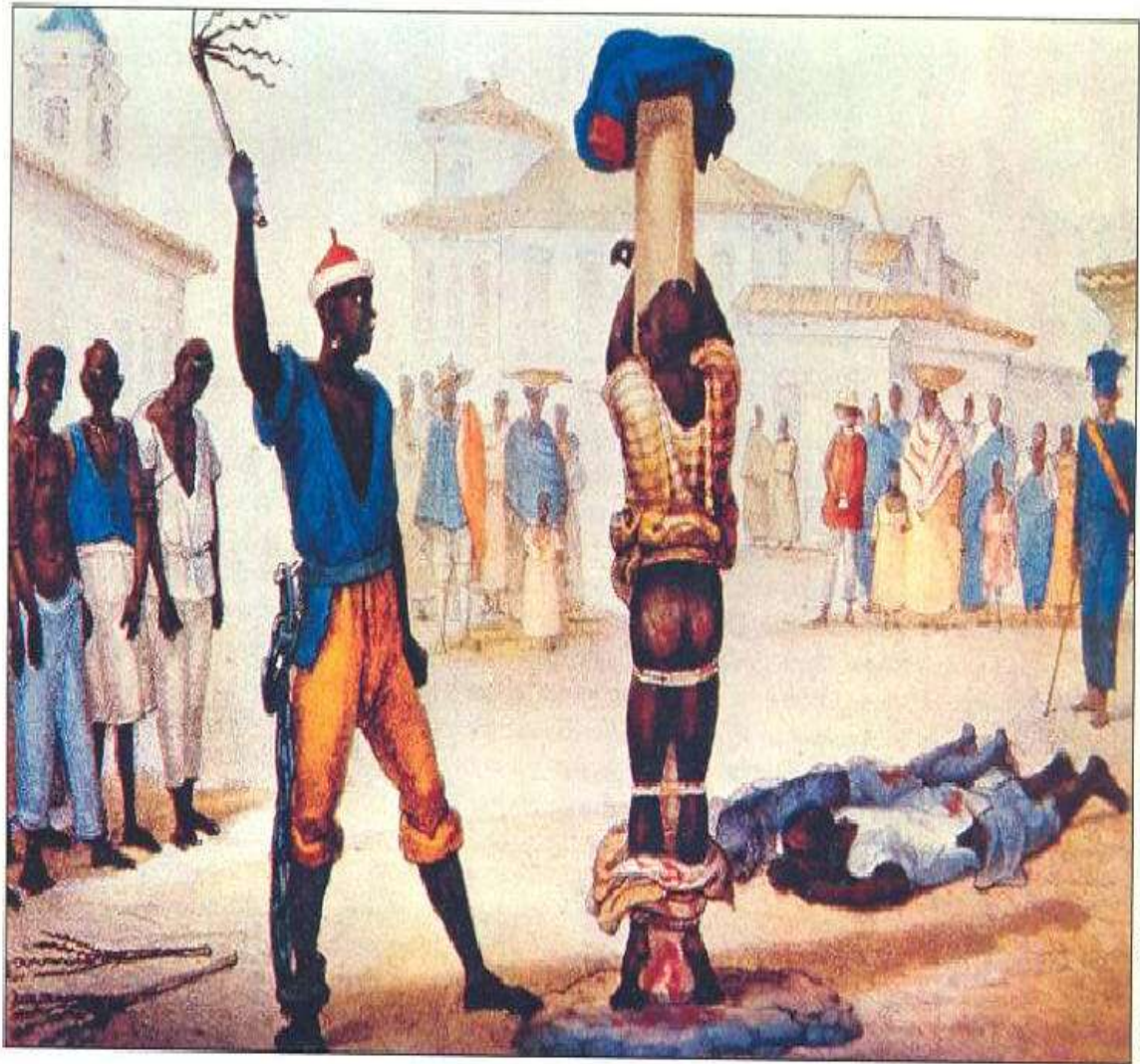


Imagem 5 - Aplicação do castigo da chibata, litografia do pintor francês Jean Baptiste Debret. Wikipédia, a enciclopédia livre - 10/06/2011

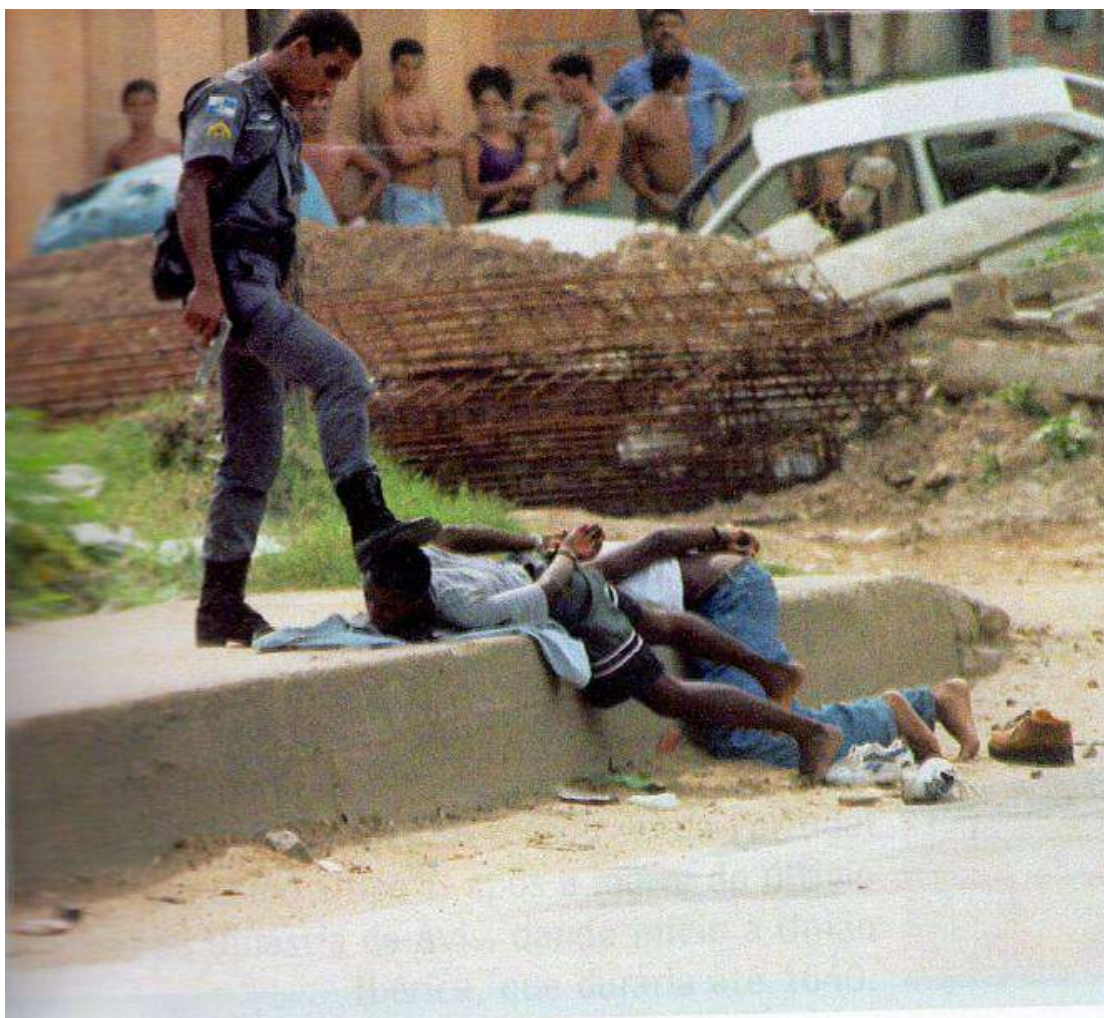


Imagem 6 - Violência policial contra um afro-brasileiro em favela do Rio de Janeiro.
www.reporterbrasil.com.br/conteudo.php?id=4 em 11/04/2011

ARISTOCRACIA E RAÇA

Gilberto FREYRE
(Para o "D.P.")

O estudo de retratos e de fotografias de alguns dos negros e das negras do século passado — dentre aqueles de quem possuímos fotografias idôneas — nos leva a concluir que houve entre elas homens e mulheres de características antes aristocráticas que plebeias. O que nos conduz ao problema do que há de socialmente variável, no tempo tanto quanto no espaço, e do que parece haver de relativamente estável, no conceito do que seja aristocrático, fidalgo, superior na figura humana, independente de sua transitória condição econômica ou social; e da sua permanente condição étnica. Problema que considerarei com o maior cuidado quando procurei interpretar sob critério sociológico os perfis antropológicos de negros fixados nos anúncios de jornais brasileiros relativos a escravos fugidos, tendo desde então concluído que segundo os próprios anúnciantes brancos vários desses negros se apresentavam com um porte, uma aparência, um semblante, olhos, pés, mãos, que os faziam pertencer antes a uma aristocracia que a uma plebe. A negação, portanto, do tipo bovino e pesado de homem ou de mulher que, segundo Woods, neste ponto — apurado por Albert Edward Wiggam, é característico das raças nórdicas, holandesas, inglesas e alemãs fixados por pinturas de retratos do século XVII, tipo quase todos, os retratados burgueses. Segundo a análise recente de retratos europeus, só em Raymond e Camille Dargatzis se encontram nos retratos europeus figuras semelhantes ao tipo bovino.

po-ainda da escravidão, e nesses perfis antropológicos que são quase retratos — os anúncios de negros fugidos nos jornais do século passado — que vários dos negros se apresentem aos nossos olhos sob a forma de indivíduos, além de eugenicamente belos aristocráticos no semblante, na fisionomia, no corpo? Talvez em grande parte, devido ao fato de serem negros islamizados. Tocados de sangue ou influência maometana; influências que parecem ter concorrido em várias regiões da África negra para dar uma dignidade à figura humana semelhante à considerada superior por gregos e romanos.

Explicação, porém, parcial esta: não basta para esclarecer o assunto. A presença do tipo bovino de homem ou de mulher, como negação quer do conceito aristocrático de figura humana do que ele apresenta, de mais estável e de mais universal, quer do ideal greco-romano de beleza da mesma figura, permanece um mistério antropológico. Os retratos quer de brancos ou de ameríndios, quer de negros, brasileiros, que nos permitem submeter tal problema a análise antropológica, nos apresentam os dois tipos — o bovino e o não-bovino, o aristocrático e o não-aristocrático, o eugênico e o caeugênico — a romper fronteiras de raça e de classe, que só até certo ponto as consideram.

NOTÍCIAS DE INTERESSE DE

Nas coleções de retratos de americanos dos primeiros séculos coloniais, Woods classificou 50% deles entre brancos e pesados. Seu estudo, «Portraits of Early Americans» publicado no *Journal of Heredity* de maio de 1920, é dos mais interessantes que já se escreveram sobre o assunto, tendo sido suas pesquisas continuadas pelo casal Wiggam. Como explicar-se o fato de ter havido segundo indicam retratos e fotografias nas aristocracias europeias, superação do tipo bovino pelo grego?

Woods sugere possível correlação do fato com glandulas; mas também — já o recordamos — com a subordinação dos antigos ideais nórdicos de beleza ou de dignidade da figura humana a ideal grego, à proporção que as culturas nórdicas se deixaram penetrar por maiores influências da mediterrânea, suas superiores em refinamento, em graça, em sabedoria; e neste e noutros pontos, tendo por principais rivais, a cultura árabe, a persa, a indiana.

Como explicar-se, nas fotografias de negros brasileiros do tem-

Imagem 7 - FREYRE, Gilberto. Aristocracia e Raça. Diário de Pernambuco: Recife 2 de Agosto de 1959.